

Paulo Markun

CABEZA DE VACA



COMPANHIA DAS LETRAS

Copyright © 2009 by Paulo Markun

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990,
que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

Capa e projeto gráfico

João Baptista da Costa Aguiar

Preparação

Márcia Copola

Revisão

Márcia Moura

Daniela Medeiros

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil

Markun, Paulo

Cabeza de Vaca / Paulo Markun. — São Paulo : Companhia
das Letras, 2009.

ISBN 978-85-359-1563-1

1. América – Descobertas e explorações espanholas 2. Exploradores – América – Biografia 3. Exploradores – Espanha – Biografia 4. Nunez Cabeza de Vaca, Alvar – Século 16 1. Título.

09-10221

CDD-923.9

Índice para catálogo sistemático:

I. Conquistadores espanhóis : Biografia 923.9

[2009]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ LTDA.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone (11) 3707-3500

Fax (11) 3707-3501

www.companhiadasletras.com.br

SUMÁRIO

LIVRO UM:

em que o governador de posto ouve um perdão em alto-mar,
sonha com a volta ao poder, mas chega atrasado à Espanha II

- Soldado e camareiro 14
- Dom Carlos, o afortunado 20
- Tesoureiro real 24
- Rumo à Flórida 27

LIVRO DOIS:

em que a expedição que pretendia encontrar ouro e prata
no interior da Flórida naufraga três vezes e fica reduzida a
quatro sobreviventes 37

- A bordo novamente 46
- Choradeira 52
- A ilha do Mau Fado 57
- O quarteto se forma 63
- Escravidão e fuga 67

LIVRO TRÊS:

em que os escravos se transformam em curandeiros e passam a ser seguidos por uma multidão 73

- Um novo costume 81
- Mudança de rumo 89
- Na rota do milho 95
- Barbados como eles 100
- A volta para casa 109
- Ideia fixa 114

LIVRO QUATRO:

em que se explica a atração exercida pela Serra de Prata e o rei branco sobre Portugal, Espanha e Álvaro Núñez Cabeza de Vaca 121

- Um caminho para a Serra 126
- A nobreza adere à conquista 131
- Buenos Aires e Assunção 135
- O grilo 140

LIVRO CINCO:

em que Cabeza de Vaca chega a Assunção e encontra um líder eleito, índios cooperativos e centenas de crianças mestiças 145

- Sete Quedas 156
- O compadrio 161
- Las Casas 164
- A fumaça da paz 168
- Traição e fogo 173
- Fuga e inquérito 177
- A Raposa do Rabo Branco 179

LIVRO SEIS:

em que Cabeza de Vaca percorre o Chaco em busca do que queria e encontra o que não procurava 183

- No Pantanal 188
- No mar dos xaraiés 194
- Outros povos 202
- A febre 206
- Viva o rei! 209
- Buscando a liberdade 212
- A índia e o tormento de Bravo 214

LIVRO SETE:

em que o leitor fica sabendo o destino de Carlos v, Domingos Irala, Felipe de Cáceres, Garci Venegas, Alonso Cabrera e dom Álvaro Núñez Cabeza de Vaca 219

- As cabras da Serra 226
- As acusações de Villalobos 231
- A corte por cárcere 237
- A morte de Villalobos 240
- Duas sentenças 242
- O fim do império 245
- O papel da vingança 247

- Posfácio 253
- Bibliografia 263
- Agradecimentos 271
- Índice remissivo 273

LIVRO UM:
EM QUE O GOVERNADOR DEPOSTO OUVU UM
PERDÃO EM ALTO-MAR, SONHA COM A VOLTA AO
PODER, MAS CHEGA ATRASADO À ESPANHA

Atlântico Sul, certa manhã de maio de 1545. Mais veloz entre os navios com remos, o bergantim de dois mastros, ideal para viagens curtas, sofre sob o temporal que já dura quatro dias. Espalhados pelos onze bancos da embarcação inundada, 27 homens aguardam o naufrágio iminente. Acorrentado ao catre, num pequeno abrigo sobre a popa, está o 28º passageiro: o governador do Rio da Prata, Álvar Núñez Cabeza de Vaca, um alquebrado fidalgo de 57 anos.

De repente, o inspetor de minas Alonso Cabrera ordena a um marinheiro que lime a corrente que prende o fidalgo. Está convencido de que o temporal é uma resposta de Deus aos maus-tratos infligidos ao prisioneiro. Assim que o sujeito cumpre a ordem, o tesoureiro real Garci Venegas ajoelha-se, beija os pés do governador e pede perdão. Pouco depois, cessa a tormenta.

Os detalhes da cena, que mais parece ficção, estão registrados no Arquivo das Índias, em Sevilha, num pacote de folhas amareladas e soltas. Ali é possível acompanhar as palavras de arrependimento dos oficiais, a calma subsequente e a conturba-

da viagem do bergantim; mais um lance fantástico numa vida atribulada.

Quando o mar serenou, os oficiais libertaram três partidários do governador — o capitão Juan Salazar de Espinosa, que ele indicara como sucessor; seu secretário particular, Pero Hernández; e seu primo, Pedro Estopinán —, todos viajando, igualmente, na condição de traidores do imperador. Depois de novos pedidos de perdão, os oficiais reais propuseram ao quarteto esquecer o passado e voltar ao Rio da Prata, onde o governador seria reempossado. Cabeza de Vaca não concordou.

Dispostos a encerrar de qualquer maneira a pendenga, Cabrera e Venegas prometeram lançar ao mar o dossiê sobre os supostos crimes do governador, desde que os demais fizessem o mesmo com todos os papéis existentes a bordo. Nada feito. A dupla tentou usar a força para impor a ideia, mas um grupo encastelou-se na popa e os rechaçou com a ajuda de um arpão e de uma lança.

E assim seguiram viagem, carregando a papelada reunida por Cabrera e Venegas e os documentos escondidos por seus rivais no bergantim, antes do embarque, e que apresentavam uma versão bem diferente do que ocorrera no Rio da Prata.

Por três longos meses driblaram a fome, até alcançarem o arquipélago dos Açores. Na ilha Terceira, Cabeza de Vaca desembarcou, a pretexto de recobrar as forças em terra, e tomou outro navio, certo de que desse modo chegaria primeiro à Espanha, determinaria a prisão de seus adversários e recuperaria o governo do Rio da Prata.

Nada aconteceu como ele imaginara. Álvaro Núñez pode ter ficado aborrecido, mas não surpreso. Afinal, reverses e decepções tinham sido a tônica de sua vida até então.

Soldado e camareiro Tem-se como certo que o terceiro filho (e primeiro varão) do casal Francisco de Vera e Teresa Cabeza de

Vaca nasceu entre os anos de 1485 e 1507 — em plena época das grandes navegações portuguesas e espanholas.

Recentemente, com base numa série de aproximações apoiadas em documentos legais, os pesquisadores norte-americanos Rolena Adorno e Charles Pautz reduziram bem a imprecisão em torno da data de nascimento de Álvar Núñez Cabeza de Vaca, estimando-a entre 1487 e 1488 (o que lhe daria 57 ou 58 anos no momento em que seus inimigos pediram perdão a ele em alto-mar).

Sua árvore genealógica registra um entrelaçamento pouco comum: depois da morte de Pedro Fernández Cabeza de Vaca, seu avô materno, a viúva, Catalina de Zurita y Figueroa, casou-se novamente, dessa vez com o avô paterno de Álvar Núñez, Pedro de Vera Mendoza, que também enviudara. União que fez deles, simultaneamente, avós legítimos e postiços dos seis filhos de Francisco e Teresa.

Na pia batismal, nosso personagem recebeu o sobrenome da mãe, tornando-se o terceiro Álvar Núñez Cabeza de Vaca em três séculos e treze gerações. Na época, filhos que não fossem primogênitos podiam herdar o nome de família materno, para reforçar direitos de herança ou homenagear um ancestral ilustre ou renomado, como no caso.

A origem do sobrenome insólito costuma ser relacionada à batalha de Navas de la Tolosa, decisivo confronto entre cristãos e muçulmanos ocorrido em 16 de julho de 1212 ao sul de Madri. As tropas de Castela, Navarra, Aragão e Portugal corriam sério risco de ser varridas para sempre da península Ibérica. Encastelados no topo da serra, os “infiéis” tinham vantagem numérica e geográfica. Sem comida e cercados pelos adversários, os cristãos tiveram sua sorte mudada quando avistaram na montanha, pendurado numa vara, o crânio de uma vaca devorada pelos lobos. A cabeça de vaca fora colocada ali por Martín Alhaja, um pastor de

ovelhas, para indicar aos europeus o caminho mais seguro. É o que afirma Diego Hernández de Mendoza, no manuscrito *Nobiliário Antíguo*, de 1570.

[...] e veio um homem em hábito de vaqueiro que lhe disse: “eu posso, com ajuda de Deus, levá-los a um lugar seguro, por onde podem passar, sem perigos, se puder voltar ao lugar onde ontem os lobos me comeram uma vaca”. Dizem alguns que esse homem se chamava Martín Alhaja. O rei lhe prometeu que, se fizesse o que dizia, lhe daria tais mercês que ele se tornaria um dos grandes do reino. Enfim, o homem passou a guiar as tropas e chegou ao lugar onde haviam matado sua vaca e apontou com a lança dizendo: “senhor, esta é a cabeça da vaca que me comeram os lobos”; e que por isso o chamaram de Cabeza de Vaca [...] Depois da vitória, honrando-o o quanto pôde, o rei o tornou cavaleiro e lhe deu aquele sobrenome e um escudo de armas axadrezado [cor] de ouro. O ouro pela nova nobreza e o vermelho pelo sangue que ali se derramou e uma cabeça de vaca da linhagem. Há em Castela e em muitas partes, muitos cavaleiros [com esse sobrenome], embora tenha sido em Zamora onde ele teve seu primogênito.

Apesar do sobrenome que foi pesgado a Álvaro Núñez na pia batismal — e de sua nobre origem —, a figura masculina mais relevante da infância dele não foi um Cabeza de Vaca, mas um Mendoza. Ou melhor, um Vera Mendoza: seu avô, Pedro de Vera Mendoza, cujos feitos militares o neto reuniria numa *probanza*. Como boa parte desta história tem como fonte primária esse tipo de documento, é bom explicar: *probanza* era uma espécie de relatório preparado por um escrivão tomando como princípio as respostas, dadas por testemunhas escolhidas a dedo, a perguntas igualmente selecionadas para comprovar um pressuposto. Não ti-

nha, portanto, nenhum compromisso com a isenção. A que Álvaro Núñez mandou fazer tinha o objetivo explícito de demonstrar a lealdade do patriarca de sua família com a Coroa espanhola.

O papel decisivo desempenhado por Pedro de Vera nas ilhas Canárias resultou de um acordo formal com os “reis católicos”, Fernando e Isabel. O avô de Álvaro Núñez assumiu a responsabilidade, os ônus e os eventuais bônus da reconquista do arquipélago, essencial para que a Espanha pudesse comerciar com a África. O sucesso da operação contra os muçulmanos fez com que essa parceria público-privada, ou “terceirização”, fosse repetida em 1492, com as famosas Capitulações de Santa Fé, que permitiram a Cristóvão Colombo partir em busca de um caminho para as Índias, dando com os costados no Novo Mundo.

Sustentado legalmente pela capitulação, e graças a uma mistura de habilidade política e força bruta, Pedro de Vera derrotou os “infieis”, levando um cronista da época a classificá-lo como “o mais valente guerreiro e chefe de toda a ilha”. O avô de Cabeza de Vaca batalhou seis anos até controlar a ilha de Gran Canária.¹ Nesse período, cooptou infieis, explorou dissensões e tomou o lugar do governador, depois de matá-lo com suas próprias mãos.

Reza a lenda que, no dia em que os nativos se renderam e aceitaram a religião cristã, houve um eclipse seguido de um terrível temporal. Pedro de Vera governou a ilha por onze anos. Ao retornar, trouxe muitos escravos. Vendeu muitos, mas pôs outros para trabalhar em sua casa. É bem provável que seu neto os tenha conhecido. Por esse motivo, Pedro foi processado, pois escravizar prisioneiros de guerra era proibido por lei. Tal processo pode explicar por que seu filho, Francisco de Vera, desistiu da vida mili-

¹ De origem vulcânica, a ilha tem cerca de quinhentos quilômetros de costa. Quando os espanhóis a conquistaram, era habitada por um dos povos guanches, que a chamavam de Tamaran.

tar depois de acompanhá-lo em algumas ações. Em Jerez de la Frontera, o pai de nosso personagem tornou-se um cidadão pacífico e respeitável. Conseguiu consertar as finanças da família — arruinadas pelo esforço da reconquista —, mas não amealhou o suficiente para garantir vida de nobre a seus herdeiros.

Por isso, quando Álvaro Núñez tinha perto de dezesseis anos, seu tio, o comendador Pedro Estopinán,² arranhou-lhe um emprego, como um dos *caballeros de Jerez*, a serviço do duque de Medina Sidonia, chefe de uma das mais tradicionais casas nobres e então o homem mais rico da Espanha, que morava num castelo em Sanlúcar de Barrameda. Fora dos conventos, essa era a única maneira de um jovem remediado como nosso Cabeza de Vaca obter educação formal.

Pouco tempo depois, Álvaro Núñez perdeu o pai. Três anos mais tarde, o avô tão admirado morreu. Em 1509, quando sua mãe faleceu, ele ainda não chegara à maioridade — na época, a partir dos 22 anos —, e se tornou dependente legal de sua tia Beatriz.

Passados dois anos, o jovem soldado acompanhou as tropas espanholas enviadas à Itália para manter e ampliar as conquistas do rei Fernando II, conhecido como o Católico.³ Não envergonhou Pedro de Vera: enfrentou os franceses, defendeu Bolonha e foi gravemente ferido na batalha de Ravena, que custou a vida de 20 mil espanhóis e foi decisiva para a retirada dos franceses. Como prêmio por sua bravura, desfilou pelas ruas da cidade de Gaeta, perto de Nápoles, empunhando o estandarte real.

² Pai de seu futuro parceiro de aventuras no Rio da Prata e marido de sua tia materna Beatriz.

³ O casamento entre Isabel I de Castela e Fernando de Aragão sedimentou uma aliança entre os dois reinos. Carlos, o neto deles, foi o primeiro imperador espanhol. Acabou mais conhecido como Carlos V (do Sacro Império Romano) do que como Carlos I de Espanha.